

ANOTAÇÕES AO ESTUDO DO INFANTE D. HENRIQUE

Maria Sonsoles Guerras Martin e Leila Rodrigues Roedel

Lembrar a figura do Infante Dom Henrique é recordar a gênese dos descobrimentos e conquistas dos portugueses, e falar da Escola Sagres, da conquista de Ceuta, do reconhecimento da costa ocidental de África, da passagem do cabo Bojador, do domínio da Guiné, das ilhas da Madeira, das Açores, de Cabo Verde...

Mas, quem foi o Infante Dom Henrique? Será que todos os historiadores concordaram na hora de fazer o seu retrato? Qual a parte que a ele realmente coube na história dos descobrimentos portugueses?

O grande historiador Jaime Cortesão diz que:

“A glória de ter preparado esse empreendimento foi durante muito tempo associada quase exclusivamente à figura do Infante Dom Henrique. Todavia, entre historiadores modernos vêm sendo encaradas com maior cautela as versões que fazem derivar apenas, ou quase apenas, da orientação de Dom Henrique a obra dos navegadores lusitanos durante este período”¹.

Tomando estas palavras como base, a orientação do nosso trabalho será a seguinte: rever a figura do Infante Dom Henrique e seu papel na gênese dos descobrimentos à luz da documentação da época e dos escritores contemporâneos. Ou seja: pretendemos fazer uma releitura, embora seja rápida e não total, de algumas obras escritas por aqueles que conviveram com o Infante. Num segundo momento, queremos enfocar os questionamentos que os historiadores atuais fazem sobre este capítulo da História de Portugal. Qual a opinião dos estudiosos da política henriquina hoje?

A figura do Infante Dom Henrique

Tomamos em primeiro lugar a obra de Gomes Eanes de Zurara, cronista do rei Afonso V, quem o encarregou de “escrever os feitos do Senhor Infante Dom Henrique”². Conservamos deste autor, contemporâneo do Infante, entre outras várias, duas obras: a “*Crônica da Tomada de Ceuta*” e a “*Crônica dos Feitos de Guiné*”. A primeira, como seu nome indica, refere-se à conquista da cidade de Ceuta no Norte de África. A segunda nos relata o que poderíamos entender como os antecedentes da conquista da Guiné propriamente dita: o litoral africano e as ilhas. É opinião comum que esta crônica foi interrompida ou que o autor pretendia continuar o relato dos feitos de Dom Henrique em outra obra.

Vejamos como Gomes Eanes nos retrata o Infante, em primeiro lugar na carta em que oferece a obra ao rei Afonso V, tio de Dom Henrique, que, como vimos anteriormente, lhe encomendou a obra:

“(...) me dissestes quanto desejáveis ver escrito os feitos do Senhor Infante Dom Henrique, vosso tio: reconheço que se alguns príncipes católicos neste mundo alcançaram perfeição das virtudes heróicas, ele devia ser considerado como um dos principais (...) parecia que seria erro que de tão santa e tão virtuosa vida não ficasse exemplo, não somente para os príncipes que posteriormente viessem a possuir estes Reinos, mas ainda para todos os outros do mundo (...). E assim os estrangeiros trariam seu nome ante os olhos com grande louvor de sua memória (...)”³.

Depois da leitura destas linhas, parece-nos que claramente podemos avaliar como Dom Henrique era retratado pelos seus contemporâneos: sua “santa e virtuosa” vida deveria ficar como exemplo, não só para os reis de Portugal, mas para todos os outros governantes do mundo, diz o cronista. Quanta ambição!

Mas parece-nos que o ponto mais alto da exaltação do Infante está no capítulo II, que já começa com esta exclamação: “Oh tu, príncipe, pouco menos que divinal!”⁴ e continua detalhando suas virtudes:

“(...) fortaleza de coração e agudeza de engenho estiveram nele em alto grau. E que posso dizer da sua grandeza senão que foi extrema ante todos os príncipes do mundo (...) Foi homem de grande conselho e autoridade, avisado e de boa memória. Nunca nele foi conhecido ódio nem má vontade contra alguma pessoa, por grave erro que lhe fizesse (...) as mãos dos pobres nunca partiam vazias diante da sua presença (...)”⁵.

E assim poderíamos continuar a ler outras muitas páginas em que Gomes Eanes descreve o perfil de um homem perfeito, um príncipe santo.

Mas não é só o cronista que pensava assim. No sepulcro jacente de Gonzalo de Souza, feitor da Fazenda e chanceler do Infante, encontramos um outro testemunho que nos confirma o anterior. Declara:

“(...) criado do muito nobre e excelente e comprido de muitas virtudes que em este Infante havia, são estas: Não falava mal a ninguém, não bebia vinho, nunca jurou (...) das quaresmas e festas de Jerusalém e Santa Maria e apóstolos e outros santos muito jejuava e pela maior parte a pão e água; era muito católico e cumpria em tudo o ofício da igreja; foi muito obediente a seu pai e mãe e a seu rei e a todos (...)”⁶.

A lápide não está conservada em perfeito estado. No entanto, está claramente desenhada a mesma figura humana, os mesmos traços da personalidade de que nos deu o cronista.

A Obra do Infante Dom Henrique

E se são estes os atributos pessoais de Dom Henrique aos olhos dos que conviveram com ele, vejamos agora como nos é transmitida a obra do Infante, suas lutas e conquistas. Nas palavras de Gomes Eanes na “*Crônica dos Feitos de Guiné*” realizou “coisas notáveis por serviço de Deus e honra do Reino”⁷.

Em primeiro lugar aparece a conquista de Ceuta. O texto diz assim:

“Em qual parte assentarei melhor o começo deste capítulo que naquela muito honrada conquista que se fez sobre a grande cidade de Ceuta, de cuja famosa vitória os céus sentiram glória e a terra benefício? Do proveito que a terra recebeu o levante e o poente são bem clara testemunha e na qual conquista este príncipe foi capitão de muito grande e muito poderosa frota (...)”⁸.

Lembremos que a conquista de Ceuta foi ordenada pelo rei Dom João I, pai do Infante. Mas, a partir daqui, Gomes Eanes apresenta na sua obra Dom Henrique como o autor real e único de toda a ação.

Na impossibilidade da leitura de toda a crônica, escolhemos parte da conquista das ilhas oceânicas:

“Ele, o Infante, fez povoar no grande mar Oceano cinco ilhas e assim sentiram os nossos reinos grande proveito de pão, açúcar, mel, cera e madeira e outras muitas coisas de que não tão somente o nosso reino, mas ainda os estranhos ouviram”⁹.

O capítulo termina falando de Sagres:

“Honrada vila que este príncipe mandou fazer no cabo de São Vicente ali onde se combatem ambos os mares: o grande mar Oceano com o mar Mediterrâneo. Nesta vila trabalhava-se continuamente porque o infante queria ali fazer uma vila especial para trato de mercadores e porque todos os navios que atravessassem do levante para o poente pudessem ali fazer divisa e achar

mantimento e pilotos. Eu creio que o próprio nome da dita vila segundo intenção daquele que a mandou fundar era que se chamasse a vila do Infante, ele mesmo assim a nomeava em suas palavras e escritos”¹⁰.

As Causas dos Descobrimentos

No capítulo seguinte fica especialmente manifesto que, como já dito anteriormente, para Gomes Eanes o Infante é o verdadeiro e único autor dos descobrimentos. São estas suas palavras: “porque o senhor Infante foi movido de mandar buscar (...)”¹¹. E, poucas linhas depois, lemos:

“E pois que antes temos posto o senhor Infante por principal realizador destas coisas (...) assim agora podemos ter claro conhecimento e saber porque o Infante as fez”¹².

As razões, num total de cinco, são as seguintes:

“A primeira é porque ele tinha vontade de saber sobre a terra que estava além das ilhas de Canária e de um cabo que se chama Bojador (...) E porque o dito senhor quis disto saber a verdade (...) mandou naquelas direções seus navios (...) movendo-se (ele) por serviço de Deus e Rei”¹³.

“E a segunda foi porque achando-se naquelas terras alguma povoação ou alguns portos em que sem perigo pudessem navegar, se poderiam trazer para estes reinos muitas mercadorias que teriam bom mercado e levariam para lá as que nestes reinos houvesse cujo tráfico traria grande proveito (...)”¹⁴.

“A terceira razão foi porque se dizia que o poderio dos mouros daquela terra de África era muito maior do que comumente se pensava (...) Assim trabalhou o dito senhor Infante (...) para determinadamente conhecer até onde chegava o poder dos infiéis”¹⁵.

“A quarta razão foi porque de trinta e um anos que havia que guerreava os mouros, o Infante nunca achou rei cristão que (...) o quisesse na dita guerra, ajudar. E que queria saber se se achariam naquelas partes alguns príncipes que o quisessem ajudar contra aqueles inimigos da fé”¹⁶.

“A quinta razão foi o grande desejo que havia de acrescentar na santa fé de Nosso Senhor Jesus Cristo e trazer para ela todas as almas que se quisessem salvar (...) no verdadeiro caminho”¹⁷.

Termina o capítulo afirmando que “sobre tais cinco razões parece que é raiz donde todas as outras procedem (...)”¹⁸. As “cinco razões porque o senhor Infante foi movido de mandar buscar as terras de Guiné”¹⁹ expostas na crônica de Gomes

Eanes podem se resumir em duas: uma de caráter econômico, evidenciada como segunda na crônica, ou seja, o desejo do Infante de encontrar povoação e portos para o comércio, para poder, diz, levar e trazer mercadorias. As quatro razões restantes, ou seja: a primeira, a terceira, a quarta e a quinta declaradas na crônica, têm um caráter religioso ou a ele associado, embora isto não apareça explicitamente. Assim, ao pretender, o infante, conhecer as terras (primeira razão), o poderio dos mouros (terceira razão), algum rei cristão que o ajudasse na guerra contra os infiéis (quarta razão) desejava de fato, segundo contemporâneos, “levar todas as almas (...) no verdadeiro caminho”²⁰.

A Figura do Infante Dom Henrique Hoje

Terminada a primeira parte do trabalho, que consistia em ver a figura do Infante Dom Henrique à luz das obras escritas por aqueles que com ele conviveram, resta-nos colocar os questionamentos que os historiadores atuais fazem sobre este capítulo da história de Portugal. Qual a opinião dos estudiosos da política henriquina hoje?

É frequente encontrarmos afirmações como estas: o Infante Dom Henrique foi o demiurgo da expansão portuguesa; o último cruzado entusiasmado da luta contra o Islã; um verdadeiro gigante se tomarmos em consideração que à sua morte em 1460, os portugueses tinham chegado até Serra Leoa, o que supõe um reconhecimento de 2.500 km de costa; enfim, é uma das maiores figuras da humanidade. Mas também nos deparamos com estas outras afirmações: tudo quanto dele se diz não corresponde à realidade e sim foi atribuído na época do Renascimento ao ficarem seduzidos por um príncipe iluminado; faltava-lhe humildade; descobriu portos, produtos e mercados, mas não homens; foi uma mistura de paixões, cobiça, ferocidade e paixão religiosa indiscutíveis e dedicadas até a morte; é um representante da política de conquista em ultramar; foi cruel com seu irmão, o príncipe Dom Fernando, ao permitir que morresse como refém de um pacto que não foi cumprido.

Todas essas opiniões tão variadas e contraditórias se entrelaçam com as que dizem respeito a saber qual foi a obra propriamente dita do Infante na expansão e conquista.

A Obra do Infante Dom Henrique Hoje

Hoje em dia afirma-se que foi um movimento coletivo e não uma ação individual a conquista das ilhas e do litoral africano; que a verdadeira causa foi a grande pressão da nobreza arruinada ou a força da burguesia mercantil triunfante com a nova dinastia de Avis; que as viagens foram executadas por portugueses, sob o comando de italianos; que não passou de uma aventura ou de uma simples

curiosidade geográfica. Pergunta-se, também, se as viagens se originaram de um plano amadurecido ou se foram, simplesmente, um acidente de percurso.

As Causas dos Descobrimentos Hoje

Em relação às causas que originaram as navegações existe também uma imensa gama de opiniões. Desde quem afirma que Portugal é um país voltado para o mar desde o princípio de sua história; ou que as expedições foram mais um ato de defesa contra o Islã e a pirataria; ou que simplesmente se procurava o reino de Preste João; ou que foi o fruto natural do desenvolvimento de uma sociedade em crescimento; ou, ainda, que os objetivos das conquistas foram descobrir uma região aurífera na costa, dominar o comércio do Oriente, aniquilar os recursos do Islã, conseguir escravos, etc. Outros, finalmente, perguntavam se Portugal queria converter selvagens ou tomar-lhes as riquezas.

Frete a todas estas divergências, buscamos a obra de um especialista da história de Portugal no período dos descobrimentos.

Os Descobrimentos e a Figura do Infante Segundo Jaime Cortesão

Este historiador nos oferece um retrato bem completo do Infante baseado em fontes ricas e variadas. Entre outras coisas, afirma que Dom Henrique foi:

“(...) capaz dum dispensio extremo de energia nos momentos de perigo, não deixava por isso de aplicar-se ao trabalho de todos os dias com zelo igual e pertinaz (...)”²¹; “A sede de conhecer devorou-o toda a vida. Sacrificou-lhe os bens materiais e os do espírito. Foi o Infante homem dum fé ardente, não havendo novidade nesta afirmação. Nem poderia ser outro o caráter numa grande figura dessa época”²².

Jaime Cortesão lembra ainda que Dom Henrique foi governador e protetor da Universidade de Lisboa, tendo, inclusive, numa demonstração de valorização do saber que ali se produzia, doado novas casas para a instalação da Universidade. A propósito, a importância dada à cultura, como fator do bem comum, revela, à data em que se escreveu, algo novo na concepção dos deveres do homem de Estado.

“Tudo nos leva a crer que se dedicou especialmente aos estudos de astronomia e geografia. Índícios que podemos tirar da origem e qualidade dos muitos colaboradores estrangeiros que chamou para o seu lado. Dentre alguns outros, convém assinalar: Jaime de Maiorca, mestre cartógrafo; Valarte, vassalo do rei da Noruega, país que monopolizava o comércio com a Islândia e a Groenlândia e um mercador de Oran, cidade que mantinha um tráfico direto com os grandes portos comerciais do Índico”²³.

Sobre o papel que representou o Infante Dom Henrique na política das navegações e as causas destas, Jaime Cortesão chama a atenção para a existência de opiniões contrárias quanto aos estímulos que proporcionaram os descobrimentos portugueses. Nas palavras do referido historiador:

“(..) essas divergências provêm quer da credulidade de certos historiógrafos, quer de incapacidade por carência de erudição para abranger no seu complexo ambições comerciais, sentimentos religiosos, idéias científicas e preparação técnica. A segunda causa de incompreensão provém do erro de considerar o Infante como o criador, o autor e responsável único da obra das navegações portuguesas, esquecendo os antecedentes decisivos do passado, e que ele foi, o que diríamos em linguagem dos nossos dias, um comissário da nação para os descobrimentos (...). É no seu complexo de causas que tem de se estudar os objetivos da empresa nacional”²⁴.

Posturas semelhantes encontramos em Joaquim Veríssimo, outro especialista:

“Costuma explicar-se a expansão, diz, nos aspectos espiritual e econômico, como se houvesse sido apenas movida pela difusão do ideal religioso ou pela busca do proveito material. A problemática é mais complexa e não cabe no esquema simplista de situar a predominância de um desses fatores ou de se proceder à sua junção. A radicação dos descobrimentos mergulha mais fundo, no tempo e no espaço; foi também de ordem geográfica, política, sociológica e cultural sendo a sua origem anterior à história portuguesa do tempo”²⁵.

Nas comemorações do sexto centenário do Infante Dom Henrique, foi nosso propósito conhecer mais e melhor a sua figura e a sua obra. Para isso aproximamo-nos dos que com ele conviveram e procuramos, depois, investigar o que os nossos contemporâneos dizem a seu respeito. Isto é fundamental porque acreditamos, como o historiador francês Fernand Braudel, que como as fontes da época só nos oferecem o detalhe, o pequeno círculo da aproximação, torna-se necessário afastarmo-nos no tempo para poder contemplar melhor a totalidade do fato histórico, assim como só podemos contemplar a planície em toda a sua extensão se estivermos muito acima dela²⁶.

Esta visão de plenitude do momento histórico henriquino nos é oferecida por Jaime Cortesão:

“A personalidade do Infante funde em si as maiores aspirações de duas idades: uma que agoniza e outra que desponta. Pode afirmar-se que foi, ao mesmo tempo, um retrógrado e um vidente, um homem do passado e um precursor. Animado em pleno século XV pela fé ingênua e anacrônica de um cruzado, possuía todavia a inquietação, o apetite de saber, a sede experimental e a segurança metódica — enfim, um homem do Renascimento.

Ao nosso parecer são as suas ousadas inovações de homem de

ciência e a profunda visão e espírito organizador de estadista que lhe dão o grande lugar que tem na história”²⁷.

Notas

1. CAMPOS, Pedro Moacyr. As etapas dos descobrimentos portugueses. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, s/d. T.I. V.I. p.28.
2. ZURARA, Gomes Eanes. *Crônica dos Feitos de Guiné*. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1949. p.X. As citações do referido autor encontram-se traduzidas com o objetivo de facilitar a leitura do texto.
3. *Ibid.*, p.X-XI.
4. *Ibid.*, p.8.
5. *Ibid.*, p.18-19.
6. CORTESÃO, Jaime. *A Expansão dos Portugueses no Período Henriquino*. Lisboa: Portugalia, 1965. p. 171.
7. ZURARA, Gomes Eanes. op. cit., p.23.
8. *Ibid.*, p.26.
9. *Ibid.*, p.27.
10. *Ibid.*, p.32-33.
11. *Ibid.*, p.42.
12. *Idem.*
13. *Ibid.*, p.43.
14. *Ibid.*, p.44.
15. *Idem.*
16. *Ibid.*, p.45.
17. *Idem.*
18. *Ibid.*, p.46.
19. *Ibid.*, p.42.
20. *Ibid.*, p.45.
21. CORTESÃO, Jaime. Descobrimientos e conquistas. In: PERES, Damião (org.) *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense, 1931. V.III., p.352.
22. *Ibid.*, p.355.
23. *Ibid.*, p.356.
24. *Ibid.*, p.360.
25. SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Lisboa: Verbo, 1979. VII p.120.
26. BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II*. Lisboa: Dom Quixote, 1984.
27. CORTESÃO, Jaime. *Os Descobrimientos Pré-colombianos dos Portugueses*. Lisboa: Portugalia, 1966. p.129.

Bibliografia

- BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Felipe II*. Lisboa: Dom Quixote, 1984.
- BOXER, C. R. *O Império Colonial Português*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- CAMPOS, Pedro Moacyr. As etapas dos descobrimentos portugueses. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, s/d. T.I., VI.
- COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. *A Descoberta de África*. Lisboa: Edição 70, 1981.
- CORTESÃO, Jaime. *A Expansão dos Portugueses no Período Henriquino*. Lisboa: Portugalia, 1965.
- _____. *Os Descobrimientos Pré-colombinos dos Portugueses*. Lisboa: Portugalia, 1966.
- _____. Descobrimientos e conquistas. In: PERES, Damião (org.). *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense, 1931. V.III.
- MATTOSO, José. *Fragmentos de uma Composição Medieval*. Lisboa: Estampa, 1987.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal*. Lisboa: Verbo, 1979. VII.
- ZURARA, Gomes Eanes. *Crônica da Tomada de Ceuta*. Introdução e notas de Alfredo Pimenta. Lisboa: Clássica, 1965.
- _____. *Crônica dos Feitos de Guiné*. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1949.